



História, Ciências, Saúde - Manguinhos
ISSN: 0104-5970
hscience@coc.fiocruz.br
Fundação Oswaldo Cruz
Brasil

Viveiros de Castro Cavalcanti, Maria Laura
Roquette-Pinto e o positivismo bem temperado
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 18, núm. 2, abril-junio, 2011, pp. 595-599
Fundação Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138055018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

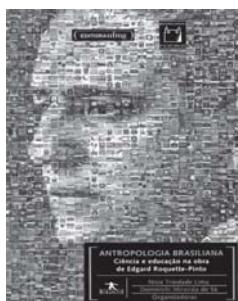
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Roquette-Pinto e o positivismo bem temperado

Roquette-Pinto and well-tempered Positivism

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

Professora do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia/
Universidade Federal do Rio de Janeiro.
cavalcanti.laura@gmail.com



LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de (Org.). *Antropologia brasiliiana: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: EdUFMG; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. 327p.

Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) – médico, antropólogo, educador, divulgador da ciência, comunicador e ensaísta – emerge dessa primorosa coletânea de artigos como um vibrante monumento da intelectualidade da então jovem República brasileira. Com empatia pelo homenageado, mas sem deixar de indicar tensões e problemas, os artigos desvendam aspectos diversos de uma carreira notavelmente reta e consistente, impulsionada pelas convicções positivistas temperadas por um humanismo sensível, sempre mantido, entretanto, sob controle e a serviço dos ideais modernos – ideais, por sua vez, embasados na inabalável crença no poder transformador do conhecimento e da ciência. A intensidade e a sinceridade da vida pública de Roquette-Pinto costuraram com linhas firmes sua multifacetada carreira. Terá ele em algum momento duvidado de si? Aparentemente não. Schvarzman (p.319), no artigo que encerra o livro, cita, a propósito, Sérgio Buarque de Holanda, que, ao ressaltar a certeza dos positivistas no triunfo final de suas ideias, que se

desejavam racionais, compara essa crença inabalável a uma dignificante forma de evasão da realidade. No entanto, guiado por suas convicções, Roquette-Pinto aproximou-se como poucos da vida social de seu tempo e de seu país. Foi um ativo construtor de instituições, para quem as ideias que ganharam vida, contorno e matizes em debates públicos sempre impeliram à ação em prol de um ideal de nação.

Lembro-me de ter entrado, quando criança, durante uma Feira da Providência realizada nos arredores da Igreja de São José, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro, numa barraca de Ciências e de formar uma roda em torno de um peixe-enguia (o poraqué), para experimentar, maravilhada, a descarga elétrica produzida por ele. Essa recordação – evocada ao longo da leitura da menção (p.262) ao filme “Propriedades elétricas do poraqué”, dirigido por Humberto Mauro em parceria com Carlos Chagas Filho, no contexto das iniciativas de Roquette-Pinto no Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince) – é um singelo rastro entre as muitas potentes marcas da atuação tão institucional quanto capilar de Roquette-Pinto a serviço da divulgação da ciência, posta, por sua vez, a serviço de um conhecimento pôtrio vivenciado pela própria população. Tudo embrenhado numa certa experiência – tão utópica quanto comprometida com a ação possível – de uma

nação brasileira, construída a partir de uma experiência cultural peculiar. Os laços do autor com o modernismo brasileiro, brevemente indicados na apresentação (p.15) e no artigo de Lima, Santos e Coimbra Jr. (p.114) com menção à contribuição de Wilson Martins, parecem-me especialmente pertinentes como percursos de investigação a serem seguidos.

A coletânea origina-se de pesquisa que, iniciada em 2001 pelas organizadoras, já produzira, quando da comemoração do cinquentenário de falecimento de Roquette-Pinto (2004), o vultoso trabalho de reedição em versão fac-similar de *Rondônia: antropologia – etnografia* (2005), numa feliz parceria entre a Academia Brasileira de Letras (ABL) e a Editora Fiocruz. Os trabalhos que compõem a coletânea, apresentados em seminário e mesas-redondas motivados pela mesma comemoração, trazem expressiva produção contemporânea sobre o homenageado, seus temas e respectivos contextos históricos e institucionais. Repetições, reiterações e complementações recíprocas entre os diferentes artigos integram, assim, uma leitura estimulante que, ao mesmo tempo que evidencia aspectos sempre novos do multifacetado personagem, aprofunda a visão geral do autor, sua obra, sua atuação e seu tempo.

A primeira seção da coletânea, “Perfil e trajetória”, é iniciada com um manuscrito inédito do homenageado, “Ciência e cientistas do Brasil”, oriundo de conferência proferida em 1939 a convite do Ministério das Relações Exteriores. Roquette-Pinto era, então, ex-diretor do Museu Nacional (MN), membro da ABL e diretor do Ince, instituição que ajudara a criar, em 1936, como um projeto cultural do governo Vargas e à frente da qual ficaria até 1946. Na conferência transcrita, Roquette-Pinto reafirma sua ligação com o marechal Rondon – ícone máximo de uma geração intelectual que acreditava encarnar a “ciência original do Brasil” (p.32). “Roquette-Pinto, expressão de humanismo”, do acadêmico Alberto Venâncio Filho, modula a leitura de todos os artigos seguintes, ao destacar componentes fundamentais e menos evidentes do perfil do homenageado: seu humanismo e seu individualismo. Com a notícia da forte influência da cultura clássica e de Goethe em Roquette-Pinto, compreendemos melhor sua permanente busca pela conciliação entre ciência, arte e poesia, sua paixão pelas técnicas e múltiplos fazeres e a subordinação de tudo, afinal, à vida vivida. Ficamos alertas, também, para o indivíduo como um valor-chave que, erguido acima de convenções e determinações sociais, fez com que o próprio Roquette-Pinto se individualizasse, em meio às convicções de seu tempo, como um racialista antirracista: um país deve cuidar de sua população, e a população é cada homem (p.50). “Roquette-Pinto e sua geração na república das letras e da ciência”, das organizadoras, baliza, por sua vez, a carreira do homenageado, ao indicar suas marcantes atuações institucionais e áreas centrais de interesse intelectual, bem como integrá-lo à experiência de uma geração que buscava articular a construção institucional do Estado com a sociedade através do conhecimento científico. O médico positivista, cuja tese de formatura, em 1905, foi “Exercício da medicina entre os indígenas da América”, ingressou no mesmo ano no Museu Nacional, que dirigiria entre 1926 e 1935. Sua participação em uma das expedições da Comissão Rondon, em 1912, resultou no mencionado *Rondônia* (1917), que o consagrou junto à intelectualidade da época. “Notas sobre os tipos antropológicos brasileiros” (1928), apresentado no 1º Congresso Brasileiro de Eugenia (1929) e publicado em *Ensaios de antropologia brasiliiana* (1933), completou seu reconhecimento intelectual. Definem-se, assim,

os temas do racialismo e da eugenia abordados em artigos subsequentes. Com a criação da primeira emissora de radiodifusão no Brasil (a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, atual Rádio MEC), em 1923, emerge também, na carreira de Roquette-Pinto, o outro grande filão explorado na coletânea: seu imenso interesse pelas novas tecnologias de comunicação – rádio, cinema e, no fim de sua vida, a televisão – como veículos da educação científica e eugênica.

A segunda parte, “Positivismo e nação”, explora o contexto de época do homenageado. “O ethos positivista e a institucionalização das ciências no Brasil”, de Luiz Otávio Ferreira, ressalta o positivismo como fenômeno cultural fundamental na institucionalização das ciências brasileiras, ao enfocar a construção do papel social do cientista e o problema da destinação do conhecimento científico. “*Rondônia* de Edgard Roquette-Pinto. Antropologia e projeto nacional”, de Nísia Trindade Lima, Ricardo Ventura Santos e Carlos E.A. Coimbra Lima, comenta densamente esse livro, resultante da viagem que Roquette-Pinto realizou em 1912, como membro da Comissão Rondon, quando percorreu a região correspondente aos atuais estados do Mato Grosso e de Rondônia. Indica-se a natureza híbrida do livro, a um só tempo diário de campo e catálogo das coleções de objetos e pranchas, estas últimas incorporadas ao acervo do Museu Nacional. Revela-se a antropologia por ele praticada, ligada à antropometria, às noções de raça e de tipo. Revela-se também sua etnografia, interessada tanto na cultura material e oral daqueles povos – que deveriam, sem dirigismo, evoluir na transição do índio para o brasileiro –, quanto nas condições de vida, saúde e educação dos sertanejos. Ricardo Ventura Santos, em “Os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX”, reflete sobre as relações entre *Os sertões* de Euclides da Cunha e a interface entre medicina e antropologia na época, demonstrando como esse livro influenciou as pesquisas antropológicas empreendidas nos anos 1910 e 1920 no Museu Nacional.

Os textos reunidos na terceira parte, “Antropologia da população”, contextualizam a inserção do pensamento e dos posicionamentos de Roquette-Pinto acerca da imigração, da raça e da eugenia nos debates da época. “Roquette-Pinto e o debate sobre raça e imigração no Brasil”, de Giralda Seyferth, ressalta a influência exercida por seus escritos sobre os tipos brasileiros e suas opiniões sobre mestiçagem, nos estudos migratórios de então. Delineia-se seu racialismo de retórica antirracista, pois que não acentua as desigualdades existentes entre as raças, mas sim suas potencialidades, a serem desenvolvidas pela educação eugênica. “Como classificar os indesejáveis? Tensões e convergências entre raça, etnia e nacionalidade na política de imigração das décadas de 1920 e 1930”, de Jair de Souza Ramos, examina como diferentes princípios de classificação dos imigrantes convergiram de modo complexo nas políticas que integraram a formação do Estado brasileiro de então. Por sua vez, Vanderlei Sebastião de Souza, em “‘As leis da eugenia’ na antropologia de Edgard Roquette-Pinto”, analisa a eugenia em sua versão mais suave, latino-americana, como um símbolo de modernidade cultural a motivar “a construção de uma população mais saudável, forte e homogênea” (p.214), através de reformas implementadas no ambiente social, tais como a difusão de educação higiênica e sexual. A concepção de eugenia de Roquette-Pinto, em especial, deslocava a ideia negativa de miscigenação racial para aquela da combinação formadora de novos ‘tipos’ biologicamente bem constituídos: o ‘homem do sertão’ ou o

‘mestiço do litoral’ (p.222). Nesse ideal de nação em que os homens deveriam ser fortes e as mulheres, belas. Roquette-Pinto interessou-se – quem diria? – pelos concursos de beleza femininos (de misses). Em sua visão, a estética eugênica, que deveria orientar a eleição matrimonial e contribuir para a melhoria da raça (impossível não sentir aqui um leve arrependimento), não se reduzia à aparência e incluía exames biológicos de morfologia, radiografia, antropometria e psicologia experimental, de modo a garantir a “boa herança” (p.230).

Finalmente, a quarta seção, “Ciência e ação”, enfoca a marcante atividade de divulgação do homenageado. “Roquette-Pinto e a divulgação científica”, de Ildeu de Castro Moreira, Luisa Massarani e Jayme Aranha, examina o caráter inovador de um ativismo que, durante toda a vida, associou as novas tecnologias de comunicação do rádio e do cinema às tradicionais palestras, ensaios, livros, exposições, revistas científicas (p.247). Temos notícia, por exemplo, da pioneira criação de uma filmoteca, em 1910, no Museu Nacional, bem como de sua assinatura no manifesto dos pioneiros da Educação Nova em 1932 (p.249). Ficamos sabendo, também, de sua marcante ligação com Humberto Mauro, que dirigiu 357 dos 407 filmes produzidos nos quarenta anos de existência do Ince (p.261). Dois excelentes artigos encerram o volume: “Rumo ao Brasil: Roquette-Pinto viajante”, de Regina Horta Duarte, e “Edgard Roquette-Pinto e o cinema”, de Sheila Schvarzman. Duarte enfoca a importância das viagens não apenas como uma forma de vencer distâncias culturais (como foram também para o homenageado as ondas do rádio, as imagens dos desenhos, as fotografias e o ‘tapete mágico do cinema’), a serviço da chegada do progresso e da prosperidade aos sertões. As viagens – em especial aquela quase mítica empreendida com a Comissão Rondon, em 1912 – transformaram decisivamente o destino de Roquette-Pinto, sua imagem de si e do país. Um dos pontos mais delicados da trajetória do homenageado emerge com o exame de sua intensa participação no serviço de censura dos filmes educativos, a partir de 1932 (p.275). Ao refletir sobre a natureza, a princípio contraditória, da conjugação em uma só pessoa do grande estimulador da atividade filmica com o diretor da censura, a autora nos faz relativizar qualquer eventual exacerbação nacionalista por parte de Roquette-Pinto. Logo sabemos que, entre os filmes adquiridos pelo Ince para as finalidades de divulgação científica, estavam “Igloo”, da Universal Pictures, “Dassan, a ilha sagrada”, sobre a vida dos pinguins, ou “Esquimó”, da Metro-Goldwyn-Mayer. Logo sabemos, também, que setores do novo governo, instaurado em 1937, criticariam a complacência e a displicência excessiva do serviço de censura “ao liberar filmes verdadeiramente imorais” (p.276). O último artigo, de Schvarzman, complementa o anterior, ao enfocar o papel de Roquette-Pinto na criação e direção do Ince. O cinema no Brasil já vinha ganhando salas fixas de exibição em meados dos anos 1910 (p.301). Os interesses do homenageado pela técnica e pela educação e divulgação científicas convergiram na criação do Ince, instituição que encarnaria aspectos importantes de sua visão acerca das possibilidades de uso dos meios de comunicação de massa. O cinema foi foco de especial interesse, pois ensinaria independentemente da vontade de aprender. Emerge nesse artigo um astro coadjuvante: Humberto Mauro e sua magnífica carreira, tema de outro trabalho da mesma autora. A colaboração entre os interesses científicos de Roquette-Pinto e a realização livre e artística de Humberto Mauro (p.315) reiteram, de modo vivaz, o humanismo romântico acalentado pelo homenageado, de que nos falou Venâncio Filho no segundo artigo da coletânea.

Mais uma vez, mencionam-se os limites da atuação do homenageado: os filmes produzidos pelo Ince refletiam as preocupações de intelectuais eruditos e não obtiveram a resposta popular que almejavam. Ao final, porém, nada disso parece retirar riqueza e generosidade dessa “utopia unilateral” (p.312).

Temos em mãos, ao final da leitura, um quadro sugestivo, denso e complexo da atuação e das ideias de Roquette-Pinto. É certo que a força de suas convicções positivistas o aproximaram perigosamente, por vezes, do autoritarismo de Estado, e que suas ideias racialistas partiam do princípio da desigualdade existente entre as ‘raças’ humanas. Entretanto, transitando entre tensões agudas – como a “cega crença” no pensamento “livre como a respiração” (p.266) – tudo em Roquette-Pinto se matiza e se desloca em direções instigantes. Seu racialismo foi posto a serviço do desenvolvimento das potencialidades do ser humano através da educação e da saúde. Sua valorização da atuação institucional qualificada, de natureza mediadora, fundada na pesquisa e no conhecimento científico, garantiu-lhe autonomia perante o uso empobrecedor e diretamente ideológico das instituições por parte do Estado. Valiosa contribuição para a fortuna crítica de Roquette-Pinto, a coletânea merece leitura atenta, motiva conversas, convida interesses e ilumina caminhos para futuras pesquisas.

